

DUDENEY, G.; HOCKLY, N.; PEGRUM, M. *Letramentos digitais*. Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2016.

Cristiane Moreira da Costa¹

Esta obra apresenta um panorama teórico e prático acerca do letramento digital e é direcionada para professores e estudantes de Letras e áreas afins que tenham interesse em expandir seu entendimento sobre esse novo letramento, tão importante na contemporaneidade, uma vez que estamos vivendo um período em que nossos alunos estão imersos na tecnologia. Além dessa teoria que apresenta o porquê de se inserir o letramento digital na sala de aula, o livro também apresenta como ensiná-lo nas aulas de língua em uma perspectiva interdisciplinar no eixo das ciências humanas e sociais. Isso é feito por meio de quatro capítulos, sendo o primeiro referente à teoria dos diferentes letramentos, o segundo, à aplicação em sala de aula com a sugestão de cinquenta atividades, o terceiro traz uma análise sobre a aplicação e implementação dessas atividades e no quarto, como compartilhar aquilo que foi desenvolvido em sala.

Os autores apresentam já no início do primeiro capítulo uma reflexão sobre a influência das novas tecnologias no campo educacional a partir de importantes nomes que já discutiam sobre as transformações sociais desde o advento da escrita. O surgimento dos livros era visto como uma ameaça à memorização e a um empobrecimento das discussões ou, até mesmo, como um grande mal. E isso permanece com o avanço das tecnologias, porque a cada novidade uma nova ameaça é detectada. Com as tecnologias digitais não seria diferente, pois já se percebem perdas e ganhos a partir de observação acerca do contato com elas. Os autores afirmam que “há de chegar o dia em que nossas novas ferramentas estarão tão entremeadas em nossa linguagem cotidiana e em nossas práticas de letramento que quase não nos daremos mais conta delas. Mas esse dia ainda está longe” (p. 17).

Na sequência, eles nos mostram um quadro dos letramentos digitais, considerando que estamos preparando nossos alunos para um futuro que não

¹ Mestranda do Profletras pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), professora de Língua Portuguesa do Colégio Militar do Estado de Goiás – Unidade Dr. Pedro Ludovico em Quirinópolis e de Literatura do Colégio Expansão de Santa Maria dos Anjos também em Quirinópolis. E-mail: crismcosta27@gmail.com

sabemos como vai ser. A revolução tecnológica é muito veloz e com grandes transformações, não sabemos quais serão os postos de trabalho que surgirão para os nossos educandos, por isso precisamos desenvolver uma pedagogia de multiletramentos, da qual Roxane Rojo e Eduardo Moura são grandes defensores e que na obra *Multiletramentos na Escola* fazem uma referência a Lemke, que diz: “há dois paradigmas de aprendizagem e educação em nossa sociedade hoje e as novas tecnologias vão, acredito, mudar o equilíbrio entre eles significativamente” (LEMKE, 1994 *apud* ROJO; MOURA, 2012, p. 27).

Na obra em questão, o foco é o letramento digital, mas os autores nos apresentam diferentes tipos de letramento, conceituando cada um e reforçando que letramentos são práticas sociais e que ensinar língua na contemporaneidade somente através do letramento impresso é “fraudar nossos estudantes no seu presente e em suas necessidades futuras” (nesta obra, p. 19). Dentro da perspectiva presente no livro, a escola precisa inserir essas tecnologias tanto para preparar o aluno para a vida, como para tornar a aula mais atraente e significativa.

Para o trabalho com a Língua Portuguesa incluindo os letramentos digitais, os autores destacam quatro focos – a linguagem, a informação, as conexões e o (re)desenho. No primeiro foco, o da linguagem, eles abordam os letramentos impresso, em SMS, em hipertexto, em multimídia, em jogos, móvel e em codificação, cada um deles vem seguido de conceitos, vários boxes que apresentam a relação desses letramentos com a necessidade de levá-los em conta para o ensino da língua e as atividades com as quais se relacionam e que estão sugeridas no capítulo 2. É interessante observar que a construção do livro remete aos hiperlinks presentes nos textos online, porque o tempo todo há referências a outras partes do texto dentro do próprio livro.

Outro ponto importante ressaltado, é a necessidade de o professor conhecer e dominar, de certa forma, esses letramentos que, muitas vezes, já são dominados pelos alunos. Assim, estabelecer-se-á uma relação de parceria entre professor e aluno.

No segundo foco, o da informação, são mostrados os letramentos classificatórios, em pesquisa, em informação e em filtragem que também vêm acompanhados de conceitos, dos boxes e das atividades que têm como base esses letramentos. Nesse foco, percebemos o quanto é importante trazer as tecnologias para

sala de aula e ensinar nossos alunos a utilizarem essa ferramenta a favor da aquisição e ampliação de saberes a partir das informações às quais eles podem ter acesso, mas não o fazem, na maioria das vezes. É preciso ensiná-los a buscar, selecionar e filtrar, afinal, são muitas informações e, com a ajuda do professor, o aluno vai aprender o que é realmente relevante e terá condições de se tornar mais crítico a partir das leituras feitas.

No terceiro foco, temos as conexões com os letramentos pessoais, em rede, participativo e o intercultural. Aqui há uma reflexão voltada para a imagem que se produz de si mesmo através das redes sociais, que geralmente não são adequadas; à utilização da rede como forma de contribuir com aquisição e compartilhamento de conhecimento, assim como ter contato e compreender documentos de diferentes culturas, conseguindo comunicar-se e interagir sempre de forma construtiva com interlocutores de diferentes culturas.

O quarto e último foco, do (re)desenho, apresenta o letramento remix que refere-se à capacidade de criar novos sentidos àquilo que já está na rede fazendo circular e interpretando a partir de uma nova remixagem no interior das redes sociais. Aqui podemos trabalhar a capacidade crítica do aluno, pois ele vai poder criar com o objetivo de ser relevante, que o seu texto tenha sentido para alguém.

O primeiro capítulo é encerrado com um subtítulo “olhar adiante”, em que Dudeney, Hockly e Pegrum nos mostram que a não inserção dessas tecnologias, ou o simples fato de o professor ignorar aquilo que o estudante acessa fora da sala de aula, pode aumentar as desigualdades que tanto tentamos combater, pois sempre haverá aqueles que têm mais acesso à internet, portanto, mais acesso à informação. Ao trazer essas tecnologias para a sala de aula, estamos integrando os aprendizes com a linguagem tradicional e oferecendo condições de letramento digital iguais a todos os alunos. Há também uma leitura indicada, que auxilia na ampliação de conhecimento do profissional que se dispõe a trabalhar com essa proposta do letramento digital.

No segundo capítulo, somos apresentados ao modelo mais conhecido para a incorporação das novas tecnologias ao ensino, que é o quadro CPCT, de Mishra e Koheler, que descreve o Conhecimento Pedagógico de Conteúdos e Tecnológico integrado aos professores. Eles permanecem como especialistas em conteúdo e em

pedagogia, contudo, precisam reconhecer a tecnologia como mais um complemento para a ampliação de conhecimento de seus alunos e não como uma ameaça.

Também temos a grade de atividades digitais, nas quais são apresentadas todas as 50 atividades com suas referências: letramentos envolvidos, nome da atividade, nível tecnológico, tópico abordado, objetivos, linguagem e o tempo de aplicação. Os níveis tecnológicos estão divididos em três: versão alta, baixa e zero tecnologia.

Na versão alta tecnologia, o professor tem um computador com internet conectado a um projetor na sala de aula e os alunos têm acesso a computadores com acesso à internet ou dispositivos móveis em quantidade suficiente para se trabalhar em pequenos grupos, duplas ou até individualmente.

Na versão baixa tecnologia, apenas o professor tem acesso a um computador com internet que está conectado a um projetor.

Na versão zero tecnologia, não há computador em sala e o material a ser usado deverá ser impresso.

São apresentadas sugestões de como iniciar esse trabalho, com cinquenta propostas de atividades, muitas delas baseadas em atividades bastante conhecidas em que podem ser inseridos os letramentos digitais. Nessas atividades, sempre temos três opções de aplicação que são as versões alta, baixa e zero tecnologia, seguidas de uma orientação e até de questões para a aplicação em sala de aula que estão disponibilizadas para download no site da editora.

O terceiro capítulo, que é intitulado “Da implicação à implementação”, os autores começam falando sobre a incorporação das atividades sugeridas no capítulo 2, relacionando à web 1.0 e 2.0, sendo a primeira mais estática, pois está ligada à pesquisa e a segunda mais apropriada às atividades colaborativas, em que o estudante tem a oportunidade de produzir, tornando-se “prossumidores” ou “produsuários”, como se referem os autores afirmando também que o professor não pode ficar preso aos programas de ensino. É necessário uma abordagem pluralista e coerente para o ensino da língua, que encoraje a diversidade e integre os letramentos digitais nos programas de ensino.

Na sequência, eles discorrem sobre a importância da escolha das atividades para diferentes níveis e contextos, uma vez que existem na sala de aula diferentes níveis de competência linguística e tecnológica. Os textos produzidos para as

plataformas serão coerentes com essas competências, a estrutura linguística do texto dos alunos do Ensino Fundamental não será a mesma da dos textos dos alunos do Ensino Médio. Os autores apresentam várias práticas para auxiliar os estudantes das séries iniciais a lidar com atividades linguisticamente mais desafiadoras e que podem ser utilizadas com ou sem tecnologia. Em relação à competência tecnológica, eles afirmam que a maioria das classes são heterogêneas, é preciso considerar as habilidades da turma durante a escolha das atividades a serem desenvolvidas, distinguir o que os estudantes podem querer (ou não) daquilo que precisam. Para que esse letramento seja possível, é fundamental que o professor também desenvolva um certo grau de competência tecnológica, se precisar, a grade de atividades digitais é um bom auxílio.

As atividades apresentam um grau de complexidade que já vem expresso na grade por estrelas, os menos complexos recebem uma estrela; os mais complexos, cinco; além disso podem fazer com que os alunos permaneçam engajados e utilizem as propostas em sua vida social e pessoal fora da sala de aula.

Os autores também mencionam o fato da importância de se criar novos espaços de aprendizagem; assim como os físicos se transformaram, os tecnológicos também, e em uma velocidade muito acelerada, por isso é tão importante uma abordagem educacional centrada na aprendizagem baseada na participação ativa, na colaboração e na participação. O letramento digital está em um avanço para o letramento móvel, e essa é a realidade atual do professor. Muitas das atividades já foram pensadas para essa condição, a fim de fazer o estudante reconhecer o valor da aprendizagem sem interrupção dentro e fora do contexto da sala de aula.

Um fator importante para esse letramento é o que vemos na parte em que é falado sobre os professores e os formadores de professores em novos espaços de aprendizagem. Estes formadores podem fazer uma grande diferença, sensibilizando professores em formação para a emergência dessas mudanças e desenvolver as estratégias sugeridas para transformar o ambiente institucional de cada um.

A restrição ao uso do celular é um outro problema ressaltado em que a sugestão é a negociação com a apresentação de diretrizes claras para que o uso em sala seja de modo consciente. Mas essa restrição muitas vezes acontece pela falta de acesso na escola à internet e energia elétrica. Diante disso, foram criadas as versões zero

tecnologia para que esse estudante possa ter acesso à internet fora da escola, pois, com certeza, precisará dela no futuro.

Sobre a avaliação, eles dizem que ela precisa estar alinhada com os objetivos e com o contexto de aprendizagem, podendo ser tanto formativa quanto somativa e a participação do estudante pode acontecer até mesmo nesse momento. Para auxiliar esse trabalho, os autores apresentam uma “Matriz de avaliação digital” que consiste em uma auto avaliação, avaliação dos pares e avaliação do professor, o que denota uma avaliação mais participativa, uma vez que o aluno vai reconhecer seu desempenho e de seus pares no caso de um trabalho em grupo. O professor é aquele que vai fazer uma avaliação autorizada do produto, verificando aspectos lexicais e/ou níveis de letramento multimídia, a fim de garantir a padronização da marcação.

Para encerrar o capítulo, eles trazem a avaliação por meio de e-portfólios, que são coleções de documentos, quase sempre em mídia múltipla, que demonstram as realizações de um indivíduo e estão associados ao ambiente de alta tecnologia. São enumeradas várias atividades sugeridas no capítulo 2 que podem compor esse e-portfólio e três formas de avaliá-los.

No quarto e último capítulo, são sugeridas maneiras de dar continuidade ao que se aprende com os letramentos digitais, formas de compartilhar e incrementar a aprendizagem através de redes profissionais. Diante da velocidade com que as coisas acontecem, os autores sugerem a utilização da pesquisa-ação para investigar e relatar o valor das novas tecnologias em nossas salas de aula. Diante dessa perspectiva, podemos retomar Michel Thiollent (1986), que “destaca a pesquisa-ação enquanto uma linha de pesquisa associada a diversas formas de ação coletiva e é orientada em função da resolução de problemas ou de objetivos de transformação”. As práticas aqui apresentadas reforçam isso, pois nos mostram mudanças que podem ser compartilhadas em vários contextos e, para ilustrar essa pesquisa, ele nos apresenta as diversas áreas que podem ser consideradas. O compartilhamento dos resultados dessa pesquisa em diferentes plataformas, inclusive nas redes pessoais de aprendizagem, alimenta novos ciclos de pesquisa-ação.

A construção e manutenção de redes pessoais de aprendizagem tornam-se de fundamental importância no contexto contemporâneo de aprendizagem, além de nos manter aprendendo, “nos ajudam a cultivar uma reputação *online* positiva, na medida

em que colaboramos com outros e disseminamos conhecimento” (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 322). Essas redes pessoais demonstram uma prática de aprendizagem permanente, dentre as quais são apresentadas a manutenção de um *blog* com toda a orientação de como criá-lo, tuitar e postar no *facebook*, com esclarecimento de como trabalhar com essas redes, especialmente o *Twitter*. Os agregadores também aparecem como forma de ampliação, que permitem maior interação com seu público.

O capítulo encerra afirmando a importância de trabalhar com todas as plataformas, começando devagar, embora na web 2.0 essas plataformas trabalhem de modos complementares. Essas redes pessoais são o suporte ideal para o professor manter-se em consonância com todas as mudanças que acontecem a todo momento em função das novas tecnologias e dos novos multiletramentos. Na sequência do capítulo 4, temos o apêndice com a chave de resposta das atividades propostas no capítulo 2.

Para concluir, consideramos que essa obra é de fundamental importância para professores e estudantes da área de Letras, pois apresenta uma fundamentação teórica que embasa todas as atividades propostas. Além disso, essas atividades são apresentadas de uma maneira que propicia a aplicação em sala de aula por aqueles profissionais que queiram e estejam dispostos às transformações exigidas para a educação a partir dos letramentos digitais tão necessárias no contexto atual. A obra apresenta, para cada uma das cinquenta atividades sugeridas, o nível de complexidade, objetivos, a linguagem trabalhada, o tempo de aplicação e as três versões em que podem ser desenvolvidas – alta, baixa ou zero tecnologia. A questão é preparar o estudante para o mundo tecnológico, usando ou não a tecnologia dentro da sala de aula.

Os letramentos digitais reforçam a ideia de ampliação de conhecimentos por parte de nossos alunos, que se tornam criadores nesse processo de aprendizagem. O livro também oportuniza essa ampliação de conhecimentos, por meio do letramento impresso, ao apresentar ao final dos capítulos 1 e 4 a leitura indicada, que é um fator positivo na composição da obra e de grande interesse para aqueles que querem se aprofundar nesse assunto tão importante e que ainda sofre uma grande resistência por parte dos profissionais de educação.

REFERÊNCIAS

- ROJO, Roxane. *Multiletramentos na escola* / Roxane Rojo, Eduardo Moura [orgs.]- São Paulo : Parábola Editorial, 2012
- THIOLLENT, Michel. *Metodologia da Pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez: Associados, 1986

Recebido em: 17/06/2017

Aceito em: 03/08/2017